



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 09/10/2026 e 15/10/2026

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
09/10/2026	12,92	368,70	67,72	6,71	4,79
12/10/2026	12,87	375,60	68,30	6,72	4,83
13/10/2026	12,83	376,10	67,67	6,69	4,82
14/10/2026	12,77	364,50	67,05	6,73	4,80
15/10/2026	12,63	359,80	67,15	6,70	4,78
Média	12,80	368,94	67,58	6,71	4,80

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	136,00	
RS – Não-Me-Toque	136,00	
PR – Pato Branco	138,00	
PR – M.C.Rondon	135,00	
MT – C.N.Parecis	136,00	
MS – Maracaju	139,00	
GO - Rio Verde	133,00	
BA – L.E.Magalhães	137,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	64,00	CIF
Porto de Paranaguá	70,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Nonoai	62,00	
SC – Rio do Sul	57,00	
PR – M.C.Rondon	57,00	
PR – Pato Branco	63,00	
MT – C.N.Parecis	50,00	
MS – Maracaju	53,00	
SP – Itapetininga	60,00	
SP – Campinas	66,00	CIF
GO – Rio Verde	54,00	
GO – Jataí	54,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	SC	
RS – Não-Me-Toque	SC	
PR – Pato Branco	80,00	
PR – M.C.Rondon	79,00	

Período: 14/10/2026

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 15/10/2026**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	62,95	138,32	74,15

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
15/10/2026**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	80,27
Feijão (saco 60 Kg)	215,00
Sorgo (saco 60 Kg)	50,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	4,94
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,65**
Boi gordo (Kg vivo)*	12,61

(*) compreende preços para pagamento em 60 e 20 dias

(**) Referência Agosto/26, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

A cotação da soja, para o primeiro mês cotado, trabalhou em baixa nesta semana. O fechamento da quinta-feira (15) ficou em US\$ 12,63/bushel, contra US\$ 12,87 uma semana antes. O fechamento deste dia 15/10 foi o mais baixo desde o dia 27/08.

Um dos principais motivos deste movimento veio do relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 09/10, já que o mesmo foi baixista para a soja. Ele confirmou uma safra cheia nos EUA, com 124,2 milhões de toneladas, ganhando quase um milhão de toneladas sobre setembro. Os estoques finais estadunidenses igualmente subiram, ficando agora em 8,57 milhões de toneladas para 2026/27. Já a produção mundial somaria 442,7 milhões de toneladas, e os estoques finais globais atingiriam a 124,3 milhões. Em ambos os casos, um leve aumento sobre setembro. Esse quadro se refletiu nas cotações da oleaginosa em Chicago, nesta semana.

Por sua vez, a colheita da soja ganhou forte ritmo nos Estados Unidos na última semana. Assim, até o dia 11/10 a mesma alcançou a 46% da área estadunidense semeada, contra 25% uma semana antes e 50% na média dos últimos cinco anos. Embora ainda atrasada, em relação a média, a mesma recuperou bastante o atraso da semana anterior. Isso também ajudou a pressionar Chicago, além da possibilidade de acerto entre EUA e Irã em relação a guerra travada entre ambos.

Dito isso, das lavouras a colher, a maturação da soja também avançou, chegando a 92% das lavouras, ante 85% na semana anterior, mas ainda abaixo dos 94% da média dos últimos cinco anos. Os dados por estado mostram que Iowa, segundo maior produtor da oleaginosa, aparece como um dos principais destaques, com apenas 31% da área colhida, enquanto a média de cinco anos para o período é de 59%. Em Nebraska, os trabalhos alcançaram 26%, contra 55% na média histórica, enquanto Dakota do Sul tinha 47% colhidos, ante 59% normalmente registrados nesta época. Michigan também apresenta atraso importante, com 27%, contra média de 38%, e Ohio chegou a 30%, frente aos 40% históricos. Por outro lado, alguns estados estão à frente da média. Illinois, maior estado produtor de soja dos EUA, alcançou 48% da área colhida, contra 46% na média dos últimos cinco anos; Indiana chegou a 44%, ante 43%; e Wisconsin aparece com 54%, contra média de 47%. Enfim, as condições das lavouras de soja ainda a serem colhidas permaneceram estáveis. O USDA classificou 57% da safra entre boa e excelente, mesmo índice registrado na semana anterior. Outros 29% estavam em condições regulares, enquanto 14% eram classificadas entre ruins e muito ruins.

Os embarques semanais de soja dos Estados Unidos ficaram abaixo das expectativas do mercado, na semana encerrada em 8 de outubro. Foram embarcadas 1,1 milhão de toneladas, contra 1,2 milhão na semana anterior. Em todo ano comercial, os embarques de soja chegam a 5,1 milhões de toneladas, volume 27% maior do que no mesmo período do ano anterior.

Ao mesmo tempo, empresas estatais chinesas compraram de 8 a 10 navios Panamax de soja dos EUA nesta semana. As cargas serão enviadas a partir de dezembro. As empresas pagaram prêmios de US\$ 3,10 a US\$ 3,20 por bushel acima do contrato de soja de janeiro da Bolsa de Chicago. Cada navio Panamax transporta cerca de 65.000 toneladas de soja. Antes dos últimos acordos com os EUA, a China já havia comprado

cerca de 13,7 milhões de toneladas de soja estadunidense, o que representa mais da metade da sua meta de compra de 25 milhões de toneladas para o ano comercial de 2026/27. Em setembro, a China importou 11,9 milhões de toneladas de soja, uma queda de 7,7% em relação ao mesmo mês do ano passado, segundo dados da Administração Geral de Alfândegas da China.

Já na Argentina, a produção de soja 2026/27 está projetada em 52,5 milhões de toneladas, ou seja, 4% acima do ano anterior. O esmagamento esperado chegaria a 44,8 milhões de toneladas. A oleaginosa poderá receber parte da área atualmente destinada ao milho, especialmente em regiões onde o risco de cigarrinha pesa sobre as decisões de plantio. Essa possível migração é um dos fatores que favorecem o cenário da soja. O ambiente positivo, entretanto, ainda depende da evolução do clima. Em girassol, a projeção de produção chega a 7,4 milhões de toneladas, sendo que 6 milhões serão destinadas ao esmagamento (cf. Terra Investimentos).

Aqui no Brasil, com um câmbio a R\$ 5,04 por dólar e prêmios estáveis, a pressão das baixas em Chicago se fez sentir e as principais praças gaúchas voltaram aos R\$ 136,00/saco. No restante do país, os preços oscilaram entre R\$ 133,00 e R\$ 139,00/saco.

Enquanto isso, o plantio da nova safra atingiu a 15,6% da área esperada no dia 09/10, segundo a Conab. No mesmo período de 2025, os trabalhos alcançavam 11,1%, enquanto a média das últimas cinco safras era de 15,2%. No Mato Grosso, maior produtor nacional, o plantio chegou a 33,3% da área no dia 09/10, ficando na mesma dimensão do ano passado nesta data (cf. Imea).

Por fim, as exportações brasileiras de soja, até a segunda semana de outubro, atingiram a 2,39 milhões de toneladas no mês. Assim, em sete dias úteis as exportações nacionais registram um aumento de 11,7% na média diária exportada. O preço médio da tonelada exportada em outubro está em US\$ 482,31, contra US\$ 427,84 em outubro de 2025, ou seja, uma alta de 12,7% na comparação anual (cf. Secex).

Apesar desta performance, a Anec aponta que o total a ser exportado em outubro chegaria a 6,18 milhões de toneladas, ou seja, 3,4% abaixo do registrado no mesmo mês de 2025. Para o acumulado de janeiro a outubro, porém, a entidade projeta exportações de 107,6 milhões de toneladas, cerca de 6% acima do mesmo período do ano passado.

MERCADO DO MILHO

A cotação do milho, em Chicago, fechou em US\$ 4,78/bushel o dia 15/10 (quinta-feira), contra US\$ 5,00 uma semana antes. O atual fechamento do milho foi o mais baixo desde o dia 20/08.

O relatório do USDA apontou uma safra maior do que o esperado para os EUA, com a mesma sendo, agora, estimada em 407,3 milhões de toneladas (cerca de 6 milhões a mais do que o anunciado em setembro), enquanto os estoques finais estadunidenses subiram para 47 milhões de toneladas, ganhando um pouco mais de 6 milhões sobre

setembro. Já a produção mundial foi aumentada em 3 milhões de toneladas, alcançando 1,294 bilhão de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais chegaram a 280,4 milhões de toneladas, ganhando 8,3 milhões sobre setembro.

Por outro lado, a colheita do milho estadunidense avançou, alcançando 33% da área no dia 11/10, contra 23% na semana anterior. Apesar do avanço, os trabalhos também permanecem abaixo dos 39% registrados na média dos últimos cinco anos. Também no milho, Iowa chama atenção pelo atraso: o estado tem apenas 14% da área colhida, contra 34% na média histórica. Nebraska registra 27%, frente a uma média de 35%; Minnesota, 25% contra 33%; e Dakota do Sul aparece com 15%, ante 31% na média. Illinois, por outro lado, está mais adiantado, com 51% da área de milho colhida contra 44% na média, enquanto o Missouri registra 64%, ante 61%. A maturação do milho a colher chegou a 91%, contra 83% na semana anterior, ficando exatamente em linha com a média dos últimos cinco anos. As condições das lavouras apresentaram melhora, e assim 56% foram classificadas entre boas e excelentes, ante 54% na semana anterior. Outros 27% estão em condições regulares, 12% ruins e 5% muito ruins.

Já os embarques do cereal estadunidense, na semana encerrada em 08/10, atingiram a 1,3 milhão de toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. No acumulado do ano comercial, os embarques chegam a 8,45 milhões de toneladas, 5% acima do registrado no mesmo período do ano passado.

E no Brasil, os preços do cereal se mantêm firmes. No Rio Grande do Sul as principais praças continuam praticando R\$ 62,00/saco, com a média gaúcha ficando em R\$ 62,95/saco. Nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 50,00 e R\$ 63,00/saco.

Dito isso, o plantio da nova safra de verão, do cereal, ano 2026/27, chegou a 44% da área prevista para o Centro-Sul do país, no dia 08/10, contra 45% um ano atrás (cf. AgRural). Por sua vez, a maior oferta de milho no mercado mundial está retirando a competitividade do milho brasileiro, fato que desacelera as exportações. No Mato Grosso, segundo o Imea, os embarques estão mais reduzidos na comparação com anos anteriores. Em setembro do corrente ano, o Estado embarcou 2,85 milhões de toneladas, volume 32,1% abaixo do registrado no mesmo mês de 2025 e 19% abaixo da média dos últimos cinco anos. No acumulado de julho a setembro, os embarques somaram 7,61 milhões de toneladas, o que representa uma queda de 21,4% na comparação com o mesmo período da temporada anterior. Nos Estados Unidos, a boa oferta e os estoques elevados têm pressionado as cotações e favorecido a competitividade do cereal local. Já na Argentina, a safra recorde, somada à redução do imposto de exportação (as retenciones), aumentou a disponibilidade para exportação e estimulou as negociações externas. Isso já aparece nos principais destinos do milho mato-grossense: o Egito adquiriu 1,97 milhão de toneladas, queda de 3,85%; o Irã, 739.000 toneladas (-29,30%); e a Espanha, 710.000 toneladas (-29,94%). “Caso os embarques nos próximos meses repitam os volumes observados no ciclo anterior, Mato Grosso poderia chegar a aproximadamente 21 milhões de toneladas exportadas até janeiro. Nesse cenário, ainda seriam necessárias cerca de 3 milhões de toneladas para serem escoadas entre fevereiro e junho de 2027, para que assim Mato Grosso alcance a projeção de 24,1 milhões de toneladas exportadas na temporada. O volume seria elevado para o período, que historicamente registra embarques de até

aproximadamente 2 milhões de toneladas. Sem um aumento de outros componentes da demanda, o milho que não for exportado tende a permanecer no estado, elevando os estoques finais e aumentando a pressão sobre a armazenagem”.

De forma geral, as exportações brasileiras de milho começaram outubro sem entusiasmar. Nos sete primeiros dias úteis do mês, o Brasil exportou 1,73 milhão de toneladas do cereal, segundo dados divulgados pela Secex. A média diária ficou 16,3% abaixo do registrado em outubro de 2025. Com isso, permanece o desafio para o programa brasileiro de exportações nos próximos meses. O país precisaria embarcar aproximadamente 6 milhões de toneladas em novembro, outros 6 milhões em dezembro e cerca de 5 milhões em janeiro para alcançar 38 milhões de toneladas exportadas no ciclo (cf. Agrinvest).

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago, para o primeiro mês, chegaram a recuar para US\$ 6,69/bushel no dia 13/10, fechando dois dias depois (quinta-feira, 15/10) em US\$ 6,70, contra US\$ 6,83 uma semana antes.

Esse comportamento foi resultado dos números que vieram do relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado na sexta-feira, dia 09/10. O mesmo apontou uma safra estadunidense de 41,7 milhões de toneladas para 2026/27, e estoques finais no país em 20,1 milhões, quando o mercado esperava um recuo nestes números em relação a setembro. Ao mesmo tempo, a produção mundial de trigo não se alterou, ficando estimada em 822,4 milhões de toneladas e os estoques finais globais em 276 milhões.

Enquanto isso, o plantio do trigo de inverno, nos EUA, chegou a 51% da área até o dia 11/10, avançando significativamente frente aos 36% registrados na semana anterior, mas ainda abaixo dos 58% da média dos últimos cinco anos. A germinação alcançou 27%, contra 16% na semana passada e 32% na média histórica.

O USDA destacou ainda que não há comparação com o mesmo período de 2025, devido à interrupção do financiamento federal em outubro e novembro do ano passado. Com isso, os relatórios do avanço da colheita, referentes às semanas entre 5 de outubro e 9 de novembro de 2025 foram cancelados. Desta forma, para o cálculo da média de cinco anos, o USDA utiliza os dados publicados de 2021 a 2024 e estimativas para 2025.

Já as exportações estadunidenses de trigo, na semana encerrada em 08/10, atingiram a 305.000 toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. No acumulado do atual ano comercial o total chega a 6,98 milhões de toneladas embarcadas, estando abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior.

Aqui no Brasil, enquanto a média gaúcha fechou a semana em R\$ 74,15/saco, no Paraná os preços se estabilizaram entre R\$ 79,00 e R\$ 80,00/saco.

A colheita no Paraná atingia a 75% da área até o dia 12/10. O clima chuvoso tem provocado perdas importantes, especialmente de qualidade. No Rio Grande do Sul, a

qualidade igualmente está comprometida, com a colheita atingindo a 28% da área, enquanto no total do país a mesma chegava a 40,3% no início da presente semana. Em termos de preços FOB, o trigo da safra anterior, no Rio Grande do Sul tem ofertas ao redor de R\$ 1.600,00/tonelada, enquanto compradores oferecem R\$ 1.550,00. Já a safra nova apresenta negócios pontuais em apenas R\$ 1.400,00/tonelada. Enquanto isso, o triguilho fica a R\$ 1.100,00/tonelada no porto.

O trigo argentino tem limitado a valorização do produto gaúcho de boa qualidade, que é raro. As indicações para o trigo argentino estão em US\$ 305,00/tonelada em Rio Grande e US\$ 310,00/tonelada em Canoas (cf. TF Agroeconômica).

Já em Santa Catarina, a preocupação com a qualidade do cereal se soma à expectativa de redução da área cultivada e da produção na safra 2026/27. A área plantada com trigo nesse Estado deve ter diminuído cerca de 35%. A produção está estimada em 243.000 toneladas, volume aproximadamente 37% inferior ao do ano comercial anterior. “Os efeitos já aparecem nos custos de processamento. Moinhos catarinenses relatam reajuste de 11,5% nas tabelas de preços da farinha, em um ambiente de dificuldades para encontrar matéria-prima com as características necessárias”(cf. Epagri).

Enfim, a qualidade do trigo que está sendo colhido será decisiva para o mercado brasileiro do cereal em 2026/27. O cenário é bastante difícil para a comercialização nacional diante da oferta limitada de trigo tipo 1, dos problemas de qualidade identificados em diferentes regiões e da concorrência argentina.